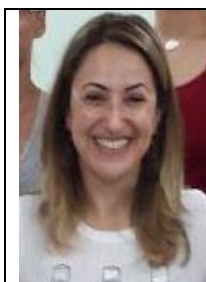


## ENTREVISTA COM JULIANA REICHERT ASSUNÇÃO TONELLI: CONVERSAS SOBRE ENSINO, PESQUISA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS

Olandina Della Justina<sup>1</sup>  
Juliana Freitag Schweikart<sup>2</sup>  
Elivaldo da Silveira Rosa<sup>3</sup>  
Karen Gritti Sutil  
Gustavo de Oliveira  
Iandra Gabriela Zmijevski  
Tito Lima da Silva Neto  
Carolina Lucas Maldaner  
Josilene Pereira dos Santos  
Cláudio André dos Santos Pilatti  
Érica Laurentino Ferreira de Souza



Professora adjunta do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Estadual de Londrina (UEL), atua na graduação e em programas de pós-graduação (*lato e stricto sensu*). É líder do Grupo de Pesquisa FELICE - Formação de Professores e Ensino de Línguas para Crianças. É formada em Administração de Empresas pela UEL e possui mestrado e doutorado em Estudos da Linguagem pela mesma universidade. Realizou pós-doutorado na *Université de Genève*, Suíça. Desenvolve pesquisas nas áreas de ensino e aprendizagem, formação de professores de língua estrangeira, gêneros textuais, ensino e aprendizagem de inglês para crianças e ensino e aprendizagem de inglês para crianças com dificuldades de aprendizagem com a linguagem escrita.

Apresentamos a seguir o registro de uma conversa leve e aprazível, gentilmente concedida pela professora e pesquisadora reconhecida pelos trabalhos que desenvolve nas áreas de ensino-aprendizagem e formação de professores de línguas, com destaque ao inglês para crianças. O diálogo remarcado por informações relevantes deixa à tona a paixão da entrevistada pela profissão e pela temática e suscita reflexões importantes para todos nós.

<sup>1</sup> Professora do Curso de Letras da UNEMAT/Sinop, Coordenadora de Área do PIBID-Letras-Subprojeto de Língua Inglesa da UNEMAT/Sinop. É Mestre em Estudos de Linguagem (UFMT) e cursa doutorado em Estudos Linguísticos pela UNESP-IBILCE. E-mail: olandina2008@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda em Estudos Linguísticos pela UNESP/IBILCE. Mestre em Linguística Aplicada (UNISINOS) e especialista em Inglês Instrumental (UFMT). É professora do Curso de Letras da UNEMAT/Sinop. Atualmente é Coordenadora de Área do PIBID – Letras – Língua Inglesa. E-mail: juliana@unemat-net.br

<sup>3</sup> Alunos-professores integrantes do PIBID-Letras-Subprojeto de Língua Inglesa da UNEMAT/Sinop e do Curso de Letras na mesma IES.

**Elivaldo:** *Considerando que o ensino de língua inglesa para crianças (LIC) por meio de histórias infantis também seja direcionado às crianças de 4 a 5 anos, minha pergunta se até a essa faixa etária. O desenvolvimento de vocabulário a partir da contação de histórias e atividades de interação por meio de dramatização, não poderia gerar um conflito para a criança, sendo que desconhece o significado de algumas palavras na língua portuguesa? Sendo assim, até que ponto o ensino de LIC nessa perspectiva poderia ser benéfico ou prejudicial para o desenvolvimento escolar da criança?*

**Juliana Tonelli:** É uma pergunta importante. Seria um problema ou um conflito saber em língua inglesa e não saber em português? Não vejo como um problema, mas sim como parte importante do aprendizado. Ligado à língua materna, como aprendizado. Não que a segunda língua dele tem que ser inglês, mas como a língua portuguesa é a língua materna dele, a que ele tem maior convivência. Para mim, teria que aprender primeiramente a língua portuguesa escrita. Quando eu escrevi a dissertação, eu decidi pesquisar sobre as histórias infantis. Na verdade surgiu da minha prática. Eu lecionava em um colégio particular em Londrina e naqueles 5 a 10 minutinhos no final da aula não dá para começar uma nova atividade. Sobravam então esses 5 a 10 minutinhos, que ficavam ociosos, porque a professora regente, com a qual eu dividia a turma de alunos, demorava para buscar a turma e eu não podia deixá-los saírem, pois precisavam atravessar o colégio. Desta maneira, eu comecei a contar essas histórias, mas também não conseguia contar uma história inteira. Então, eu contava um pedacinho, na aula seguinte eu contava mais outro pedacinho e assim por diante. Eu comecei a perceber, que eles ficavam mais interessados nesses últimos minutinhos da aula do que na aula inteira que eu havia trabalhado com eles, embora a aula fosse lúdica, tinha livro didático, sempre com muitos jogos, músicas, atividades divertidas. Eu vi que tinha alguma coisa naqueles minutos que os estava conquistando. É importante vocês entenderem de onde surgiu essa questão das histórias. Eu percebia que mesmo que eles não conhecessem o significado da palavra em língua inglesa, não era um problema para eles, porque passavam a entender o significado por meio do contexto. Mesmo que eles não conhecessem aquela palavra na língua materna ou língua primeira, eles também não se importavam, porque em função da história eles olhavam pra imagem e entendiam.

Não ficavam muito preocupados em querer saber qual era o correspondente em português. Para eles, aquilo era muito natural, entendiam pelo contexto. Mesmo na educação infantil eu não caracterizo como um problema, porque a criança não tá muito preocupada se o que ela está aprendendo é na língua primeira, língua segunda, língua estrangeira, ela está envolvida nas atividades. As pesquisas têm mostrado que quando as crianças crescem e precisam dessa língua numa situação de uso, elas conseguem buscar o repertório que desenvolveram, que a gente chama de repertório didático, a memória didática, elas conseguem ir lá, buscar e utilizar. Então, eu não vejo isso como um problema, que vá atrapalhar. Nós precisamos ensinar o inglês como segunda língua, o inglês como língua estrangeira, o inglês com língua adicional e o ensino bilíngue. A perspectiva que eu tenho trabalhado é língua estrangeira, língua adicional, mas a gente pode usar o exemplo do bilinguismo, a criança bilíngue não está preocupada em fazer essas relações: o que é o quê? O que significa? Por que ela tá usando? E aí chega um momento da vida que ela consegue fazer distinções. É complicado se a criança não está letrada em língua primeira, se ela não escreve e o professor forçar a escrita. Nessa circunstância, eu acho que pode ter algum problema. Por outro lado, se você mostrar uma figura de um ônibus, e você colocar embaixo da figura *bus*, não tem problema nenhum, ela só vai relacionar palavra, mas você não está forçando a escrita. Ao contar histórias, eu uso muito as imagens do livro, uso muitos *flashcards*. A gente vai mudando, amadurecendo, mudando de ideias, porque antes eu achava um crime você usar a língua materna, usava só o inglês, agora já não vejo como problema. Mas eu não faço a tradução, pois eu penso que tira um pouco do encanto da contação da história em inglês e as crianças têm perfeitas condições de compreender, eu não vejo necessidade de ficar traduzindo. É importante a gente retomar os estudos e Vigotsky, em que ele irá dizer que uma língua auxilia na construção da outra. É importante a gente retomar esses estudos para poder entender que uma língua serve de suporte para a aprendizagem da outra.

**Karen:** *Ensinar inglês através de histórias infantis é mais eficiente do que através de jogos, brincadeiras e outras atividades?*

**Juliana Tonelli:** Eu não posso responder que sim ou não, porque a gente precisaria fazer um estudo comparativo. Por exemplo, eu precisaria traçar um conjunto de

objetivos, o que eu quero que a minha criança aprenda e aí utilizar histórias, jogos, todos voltados ao ensino, a atender ou atingir os mesmos objetivos para poder fazer um estudo comparativo. Mas eu penso que não, penso que depende da maneira como você elabora as atividades, como conduz as aulas, depende do contexto de onde você está atuando e da idade das crianças. A história infantil também não é a solução de todos os problemas, às vezes pode trazer mais problemas, se ela não é bem escolhida, por exemplo. Então, eu entendo que a escolha de uma história infantil é uma decisão que precisa ter muitos critérios, você precisa analisar bem a história, não é somente se as figuras são bonitas, se a história é bonitinha, se a história é legal. Tem vários critérios que precisam ser levados em consideração para você decidir qual história vai trabalhar.

**Gustavo:** *Em seu artigo “O jogo nas aulas de língua estrangeira para crianças,” você ressalta a importância da existência de professores cientes de como trabalhar com jogos no ensino de língua estrangeira, tendo em vista o sucesso no processo de autonomia dos alunos. Quais seriam as mudanças necessárias na formação desses profissionais para que exista um maior número de professores capazes de atuar como incentivadores desse processo e não mais como detentores de conhecimento?*

**Juliana Tonelli:** É uma mudança muito complexa, muito drástica, mas já avançamos muito a esse respeito. Eu volto à questão de que o primeiro ponto é ter uma formação mais específica. O profissional deve ter formação na área da língua inglesa. Sendo assim, os cursos de Letras devem assumir a responsabilidade e começar a ter disciplinas na grade curricular que possibilitem formar melhor o profissional que trabalha com crianças. No que diz respeito a não sermos mais detentores do conhecimento, nós já temos percebido que não o somos mais, porém que esses conhecimentos são coconstruídos em sala de aula. Quanto ao trabalho com jogos, o professor precisa basicamente de formação específica, conhecimento do instrumento de ensino (o jogo, no caso) e precisa continuar compreendendo que os conhecimentos são coconstruídos em sala de aula.

**Iandra:** *O que deve ser observado pelo professor para que os jogos pedagógicos não sejam interpretados somente como diversão?*

**Juliana Tonelli:** Então, mas qual seria o problema deles verem só como forma de se

divertir? Acho que a questão é: o professor não pode ver só como forma de divertir o aluno, mas, no caso do aluno, deixe-o pensar que é somente para se divertir. O professor precisa ter objetivos com aquele jogo, entender o que está fazendo. Aconteceu um fato muito interessante, em que uma aluna estava desenvolvendo um *paper* sobre esse tema. Nós estávamos trabalhando a canção *Old MacDonald Had a Farm* com o propósito de trabalhar com as crianças os animais. Para tal, criamos um jogo de tabuleiro que incluía a diferença entre animais da fazenda, animais aquáticos, baseados na canção. O jogo de tabuleiro ficou maravilhoso e fomos jogar com as crianças. Qual foi nossa surpresa? Percebemos que sabiam todos os animais que estavam no tabuleiro em inglês, mas não sabiam jogar o jogo de tabuleiro. Não sabiam a regra, jogar o dado, pular uma casa, não entendiam o que era um jogo de tabuleiro. Levamos um susto, porque não era um problema de vocabulário, era como jogar. Assim, nós precisamos ensinar as regras de jogo para as crianças. O *paper* da aluna é justamente sobre esse gênero textual, regra de jogo.

**Tito:** *Quanto ao uso de jogos pedagógicos para o ensino-aprendizagem de língua inglesa nos anos iniciais de escolarização, qual lhe parece o formato de jogos mais indicado no processo? Quais as competências a serem desenvolvidas e conteúdos a serem ministrados?*

**Juliana Tonelli:** Bem, primeiramente a realidade do grupo deve ser levada em consideração. Eu chamo a atenção para os aspectos legais da idade infantil, pois pelo que se encontra disposto na legislação, podemos considerar como crianças aqueles que se encontram na faixa etária dos 12 anos ou menos. No contexto de ensino de língua inglesa para crianças, a idade também é um fator que deve ser observado. Creio que também devemos atentar para alguns aspectos de ordem emocional, cognitiva, social e cultural dessa realidade. Não é produtivo fazer uso de um jogo que não esteja relacionado com a realidade da criança ou do grupo, não seja significativo, despertando pouco ou nenhum interesse. Portanto, a idade e a realidade da criança são os principais fatores a serem levados em consideração no momento da escolha de um jogo a ser utilizado com fins pedagógicos, no ensino-aprendizagem de língua inglesa. No entanto, é delicado afirmar por qual tipo de jogo as crianças de fato se interessam. Podem ocorrer determinados casos nos quais o docente atenda a um grupo bastante competitivo

e em outros o grupo de alunos não o é. Por conseguinte, a utilização de um jogo que estabeleça uma situação de competição não é indicada. Possivelmente, o estímulo da competição, por meio do jogo, em um grupo que já é competitivo, pode ser um problema, resultando em brigas e intrigas. O docente não deve, portanto, generalizar interesses. Espera-se que o profissional seja sensível às necessidades de seu público. Ser dotado de sensibilidade não significa, todavia, ausência de conhecimento teórico, pois a teoria é um suporte para a realização da prática pedagógica em sala de aula. Quanto às competências, ao abordarmos os gêneros textuais, nos deparamos com as competências discursivas, linguístico-discursivas, dentre outras que buscamos desenvolver nas crianças. Por meio do uso de jogos, eu posso buscar desenvolver no meu aluno uma habilidade motora. Com isto, o que quero dizer é que, no contexto de ensino, o professor de língua inglesa não está encarregado exclusivamente do ensino de línguas, o trabalho docente pode ser definido pelo título de “educador”, não obstante, o objeto de ensino de um professor de língua estrangeira é a língua. Não podemos esperar que o docente especializado que estiver em uma área diferente realize o trabalho de um professor de língua inglesa. A atitude pedagógica, no entanto, não precisa estar necessariamente focada no conteúdo de ensino. Por exemplo, é possível que eu ensine língua inglesa utilizando um jogo que além de administrar um determinado conteúdo também desenvolva no aluno alguma habilidade motora. Isso, contudo, é algo que deve ser pensado *à priori*. É necessário que o professor tenha claros os objetivos a serem alcançados. Se, por exemplo, o grupo com o qual ele está trabalhando apresenta problemas com competição, é possível a utilização de um jogo colaborativo, desenvolvendo competências como a interpessoalidade. Por último, eu considero a escolha de conteúdos um problema, em decorrência do fato de o ensino de língua inglesa para crianças não estar amparado por parâmetros e diretrizes, tal como algumas outras modalidades de ensino. O que acaba norteando esse ensino é o uso do livro didático, que a meu ver não é um problema. Eu me interesso bastante pelo trabalho com gêneros e sequência didática, como exemplo eu exponho o trabalho que desenvolvemos em um projeto de sequência didática, acerca do gênero convite. Os alunos tiveram que escrever um convite, pois ao final do ano eles iriam convidar os pais para irem à escola assistir a uma apresentação deles, o objetivo era que os alunos pudessem compreender o gênero em situações e no desenvolvimento das atividades dos módulos da sequência

didática verificou-se a preocupação com o conteúdo. Portanto, o aspecto positivo do projeto de sequência didática é que a definição do trabalho a ser desenvolvido nos auxilia na seleção de conteúdos, tendo sempre um propósito em vista.

**Carolina:** *Observamos que a maior parte dos alunos-acadêmicos de Letras inicia o curso sabendo muito pouco sobre a língua inglesa, ainda terão que aprender a falar, ler, escrever e compreendê-la. As metodologias de ensino também são desconhecidas e devem ser estudadas ao longo do curso. Considerando que ensinar para crianças demandaria por uma preparação específica e que o acadêmico tem ainda outras disciplinas e enfoques de estudo, como poderia ser organizada a matriz curricular ou se promover ações para que sejamos preparados para atuar com crianças?*

**Juliana Tonelli:** Comparando o nosso curso com Medicina, vemos que no segundo os acadêmicos estudam o básico do funcionamento do corpo humano. Ficam anos aprendendo isso para depois, quando formados, optarem então por qual área irão se aprofundar. Nosso curso é muito generalista e temos que mudar isso. Sou a favor de uma radicalização dos cursos de Letras. Mas como vamos dar conta disso? Em minha opinião, um curso com formação dupla é muito complicado. Evidentemente, temos os dois lados da moeda: a formação dupla facilita a oferta de emprego do professor, pois ele consegue facilmente cumprir sua carga em apenas uma escola, enquanto a formação única exige que o profissional busque duas ou mais escolas para cumprir suas horas. Por outro lado, acho que ficamos com uma formação mais completa. Saímos do curso acreditando que daremos aulas para os sextos anos em diante, mas não é assim que acontece na realidade. Comparei com a Medicina, pois o médico não vai olhar um corpo e dizer que desconhece braços e pernas, pois na faculdade só viu os membros internos. Isso seria um absurdo, todavia em Letras tem ocorrido. Deveríamos oferecer uma formação inicial mínima e depois a formação continuada para que possa se tornar um especialista em uma determinada área. Não acredito que saíamos da graduação aptos a atuar em cada especificidade do ensino, mas deveríamos sair aptos naquilo que é essencial. Além disso, é primordial que nós desenvolvamos os nossos conhecimentos, que busquemos fora, estudemos sozinhos à parte do curso e não esperar só dele e do professor. Dessa maneira, teríamos um conhecimento mais coerente com a realidade.

**Josilene:** *Em seu artigo “O papel dos cursos de Letras na formação de professores de inglês para crianças” é mencionada a ausência de atenção de temáticas que contemplem a LIC. Na sua opinião, o que deve ser feito para suprir essa carência?*

**Juliana Tonelli:** Eu vou lhe falar da realidade da UEL, o que a gente tem conseguido fazer hoje, eu e a professora Simone Rinaldi (que trabalha com o ensino de espanhol para crianças) é oferecer uma disciplina optativa. Até o final do curso os alunos precisam cumprir uma determinada carga horária em disciplinas optativas e quem tem interesse se matricula. No entanto, eu acho que minimamente deveríamos ter uma disciplina, não apenas como optativa.

**Cláudio André:** *Entendo que a oferta de língua inglesa para crianças desde o início da escolarização seja importante. Mas como lidar com esse fato diante de um país tão diverso em que nem todos ainda têm acesso a uma escolarização de qualidade, enfrentando dificuldades de encontrar professores que trabalhem até mesmo a língua portuguesa, especialmente em escolas distantes e localizadas em zonas rurais?*

**Juliana Tonelli:** Também concordo, não posso negar! Mas se formos seguir por essa linha, a gente corre o risco de regredirmos à época em que se questionava: “Não sabe nem o português, para que aprender inglês?” Se formos pensar no ensino de inglês como língua franca, não há mais tanta cobrança no que se refere ao inglês que tenha pronúncia perfeita, o foco está na inteligibilidade. A gente não está mais trabalhando na perspectiva de que haja uma dicção correta. Nós não falaremos incorretamente, mas o foco principal está na comunicação. Concordo que devemos pensar que o ensino da língua portuguesa seja de qualidade. Em um país com tantas desigualdades sociais, mas privar uma criança de aprender uma língua estrangeira é perpetuar essa desigualdade social. Mesmo em uma escola rural, carente, que mal tem um professor para ensino de língua portuguesa, para que pensar no inglês?! Acho que devemos pensar que além do professor ensinar bem o português, é necessário um professor que ensine bem o inglês, porque essa criança tem o direito, são os direitos de aprendizagem. Se você for verificar nos documentos da UNESCO, estão lá! Quanto ao ensino de inglês, a gente não cobra tanto que ele seja um nativo, ou parecido com um nativo, porque costumamos dizer que nós falamos o inglês brasileiro. Eu acho que a gente deve lutar pelo ensino de qualidade



em todas as áreas, porque ao contrário a gente continuará privando a criança da educação que ela tem direito.

**Érica:** *Qual a maior dificuldade que os professores encontram atualmente em relação à língua inglesa para crianças?*

**Juliana Tonelli:** Eu tenho uma aluna que está desenvolvendo o mestrado e teve como inspiração a tese de Santos (2009)<sup>4</sup>. Ela está expandindo o que a autora coloca na tese. Está analisando suas próprias aulas. É interessante, pois ela trata de muitas coisas que um professor de inglês para crianças precisa saber. Ela fala que eu tenho que saber como controlar os alunos, saber a hora de dar broncas, como ficar quieto, se posso ou não mandar para fora da sala e, além de tudo, ensinar a falar inglês. Acho que as dificuldades que você perguntou são muitas. Não é só a língua, o professor precisa dominar a língua, mas precisa saber como gerenciar as questões emocionais que surgem na sala de aula, porque a criança é mais sensível, há o espertinho, que aprende facilmente, mas também há aquele que gosta de enganar o professor. As dificuldades são muitas, portanto. Há o gerenciamento dos materiais, qual é o material adequado a ser usado com as crianças em cada nível. Há excesso de informações com as quais o professor precisa lidar.

**Juliana Freitag Schweikart:** *Quais são as mudanças e avanços ocorridos em favor da oferta e desenvolvimento da língua inglesa para crianças em escolas públicas e/ou particulares? Há alguma mudança de conduta de profissionais da área de Letras ou da educação a partir de trabalhos de pesquisas que vocês têm desenvolvido?*

**Juliana Tonelli:** Acho que não temos dados para responder isso ainda, mas o exemplo que posso citar é o trabalho que tem sido feito no Município de Londrina. Hoje, da totalidade das escolas municipais, quase 50 % já têm o inglês, não na grade curricular porque ainda não foi feita essa adequação na lei, mas o inglês é ofertado por meio de um projeto que se chama “Londrina Global” e que existe desde 2008. A universidade já conseguiu promover outras ações como o projeto de extensão “Construindo o Currículo de Língua Inglesa”, pois o Município de Londrina ainda não tinha um currículo. Então,

---

<sup>4</sup> SANTOS, L. I. S. *Língua Inglesa em Anos Iniciais do Ensino Fundamental: fazer pedagógico e formação docente*. Tese. IBILCE-UNESP, São José do Rio Preto, SP, 2009.

juntamente com alguns professores, conseguimos construir uma proposta de construção de currículo, em que foram debatidos quais seriam os conteúdos para o primeiro ano, para o segundo, etc. Nesse documento é proposto o ensino baseado em princípios, como o ensino em espiral, o princípio da ludicidade. Ele é todo pautado em princípios. Acho que esse é um avanço. Outro avanço que posso citar, é um “trabalho de formiguinha”, que desenvolvemos e não esperamos um retorno imediato. Está relacionado a tudo o que a UEL oferta em termos de cursos, seminários que têm uma boa adesão e só não promovemos mais porque a demanda de trabalho é muita. No Município de Rolândia, o ensino de inglês nas series iniciais do Ensino Fundamental I é lei, porém, em Londrina ainda é projeto.

**Olandina:** *Quais tipos de competências devem estar presentes na formação do professor que trabalha língua inglesa para crianças?*

**Juliana Tonelli:** Não sei se é uma competência, mas primeiramente seria você se identificar com essa faixa etária. Não estou dizendo que vejo a docência como um sacerdócio, mas como trabalho, como profissão com a qual precisamos nos identificar. Da mesma maneira que eu não consigo me ver fazendo uma cirurgia, pois não tenho afinidade alguma com essa área, quem trabalha com crianças, precisa se identificar com elas. Não quero dizer que essa habilidade não possa ser desenvolvida. Se você não tiver habilidade com números, por exemplo, como poderá ser economista? Há necessidade de ter habilidade, afinidade, se identificar com as crianças. Ao contrário, haverá professores que não possuem habilidades para atuar com as crianças. Não quero afirmar que seja mais fácil ou mais difícil, simplesmente é diferente, é outro público. Para ensinar inglês, a competência linguística é primordial. Não quero dizer que o professor deve ser um falante exímio, como um nativo, mas precisa conhecer sobre crianças, conhecer o que as crianças são capazes de fazer em determinada faixa etária, promover atividades adequadas às possibilidades das crianças. Entendo que as competências necessárias estão nas áreas emocional, física, cognitiva e linguística. São essas as grandes áreas de competência que o professor deveria desenvolver. Em meu caso, é uma paixão, eu amo estar em sala de aula com as crianças. Se eu pudesse eu faria somente isso.

**Olandina:** Gostaríamos de agradecer imensamente a disponibilidade em nos conceder essa entrevista, o acolhimento na troca de ideias e o esclarecimento de nossas indagações.

**Juliana Tonelli:** Eu é que agradeço!

Recebido em 20/04/2016.  
Aprovado em 02/06/2016.